

Por via de análises eleitorais, especialização quase centenária da disciplina, respeitável número de estudiosos têm sustentado a hipótese de que a ideia de representação democrática foi fatalmente comprometida em razão de insolúvel deficiência: fundada na premissa de suficiente racionalidade dos eleitores na escolha de seus representantes, revelou-se que o eleitorado não está qualificado para decidir entre meios e fins, em face da complexidade dos problemas que afligem os governos contemporâneos. Embora sujeita a controvérsia, essa literatura introduz tópicos relevantes na agenda do futuro democrático. Por exemplo: ao raptar os aparelhos estatais de decisão, dos quais os políticos teriam passado à condição de inspetores dos interesses econômicos, acrescentou-se no início deste século a vertiginosa transformação estrutural da produção econômica, independentemente do regime de propriedade. Trata-se da quarta revolução industrial, mais devastadora do que a primeira, com a dispensa, agora, do trabalho humano. Os efeitos da automação, da inteligência artificial e da robótica no aparelho produtivo, na estrutura social e nos mecanismos de governo ainda estão por serem devidamente absorvidos pelas disciplinas sociais. A divisão social do trabalho, a transformação da mais-valia, o ataque às identidades coletivas, o fim do estado de bem estar e as incertezas sobre a distribuição efetiva de poder são temas obrigatórios da teoria política do século XXI.

O Brasil começa a ingressar no mundo do século por meio da violência política (eventualmente física), da desorientação partidária, do descrédito da atividade política e da aspiração tirânica do judiciário. Há, contudo, método na desmedida e sentido em sua trajetória. O Seminário busca propiciar um conjunto de parâmetros prefaciando entendimento menos conjuntural do golpe parlamentar de abril de 2016 e seus desdobramentos.

Leituras, na ordem:

1 – Ilya Somin, *Democracy and Political Ignorance*, Stanford University Press, 2013.

2 – Jason Brennan, *Against Democracy*, Princeton University Press, 2016.

3 – Christopher Achen&Larry Bartels, *Democracy for Realists*, Princeton University Press, 2016.

4 – Martin Ford, *Rise of the Robots – technology and the threat of a jobless future*, Basic Books, 2015.

5 – Douglas Rushkoff, *Throwing Rocks at the Google Bus – how growth became the enemy of prosperity*, 2016.

6 – Klaus Schwab, *The fourth Industrial Revolution*, World Economic Forum, 2016.

Duas observações:

A – Não são volumes de ficção-científica nem de exercícios futuroológicos nem de curiosidades mecânicas.

B – São todos volumes pós 2010, quatro deles publicados em 2016. Trata-se de uma agenda de fronteira da teoria social.

Caso haja interesse e matrícula, a avaliação final será realizada por prova escrita única, para resposta individual.